

Rahel Jaeggi, *Kritik von Lebensformen*,
Suhrkamp, 2014, 451pp., €20, ISBN 9783518295878. Reviewed by Andreas
Niederberger and Tobias Weihrauch, University of Duisburg-Essen.
Tradução de Laiz Fraga Dantas (ainda não revista)

Rahel Jaeggi – Crítica das Formas de Vida

Jürgen Habermas introduziu o conceito de ação comunicativa em sua teoria como uma tentativa de superar as aporias da primeira geração da Teoria Crítica. Os escritos de Adorno e Horkheimer mostram – segundo Habermas – que qualquer ponto de referência utilizado para criticar a situação atual da sociedade se tornará parte do problema abordado. O proletariado votou pelos nazistas, a cultura moderna nas suas formas de vanguarda serviu para reconciliar as pessoas com sua condição de vida no capitalismo. Pode-se, inclusive, compreender as teorias filosóficas – menos práticas e mais teóricas – como tendo preparado e mantido uma forma de subjetividade que domina a natureza, a si mesma e os outros. Assim, na visão de Habermas, o desafio das próximas gerações da teoria crítica é detectar padrões que possibilitem identificar as contradições e crises das sociedades atuais, enquanto, ao mesmo tempo, ofereçam orientações para possíveis transformações.

O novo livro de Rahel Jaeggi “*Kritik von Lebensformen*” (Crítica das Formas de Vida) deve ser lido à luz desta questão. Insatisfeita com o projeto kantiano e transcendental de Habermas, que pretendia identificar condições de possibilidade formais para o discurso racional, assim como com o retorno de Axel Honneth a teoria da vida ética (*Sittlichkeit*), Jaeggi sugere uma terceira via, manejando entre essas duas abordagens. Ela concorda com Honneth que a crítica deve ser imanente, assumindo que esta deve se direcionar, em última análise, àqueles que são os seus sujeitos. Mas, seguindo Habermas, ela preocupa-se com a possibilidade de que a crítica possa endossar possíveis crenças, decisões e formas de vida problemáticas. Então Jaeggi identifica um elemento formal no interior das formas de vida, a saber, sua habilidade (ou inabilidade) de aprender através das dificuldades e crises, com os problemas que estas engendram e os meios apresentados para superá-los. Nisso estaria expresso seu maior ou menor potencial de racionalidade e racionalização.

O livro contém quatro partes e uma longa introdução. Na introdução, Jaeggi relembra a leitura das filosofias contemporâneas que têm apresentado críticas à compreensão da política através da noção de “boa vida” e, ao em vez disso, têm focado em questões de direito ou justiça. A sociedade moderna gerou individualismo, pluralismo e reflexão, além de noções normativas de autonomia, autodeterminação e autorrealização. Nós devemos colocar em parênteses nossa tradição e nossa forma de vida para promover ou até mesmo acomodar-nos à heterogeneidade de uma forma de vida da competição. Essa “autolimitação liberal” tem por consequência que as formas de vida não podem mais servir como pontos de referência para transformações racionais ou avaliações (e isso significa também autonomia e autorrealização, que são formas de vida particulares). Contudo, ao invés de focar em características formais ou procedimentais das formas de vida, ou na sua geração como locus da racionalidade, Jaeggi sugere que nós deveríamos

olhar mais de perto as formas de vida em sua materialidade e nas normas específicas a elas vinculadas. Apesar de sua irredutibilidade, suas características heterogêneas, e da contingência de sua emergência, as formas de vida desempenham diferentes habilidades para lidar com crises e aprender com suas dificuldades quando reagem a novos contextos. Isso possibilita identificar potenciais de racionalidade nas formas de vida – e, além disso, nos possibilita mostrar as transformações racionais que em última instância dependem de formas de vida específicas. A racionalidade possibilita os agentes transcenderem as formas de vida para algum nível, mas agentes só podem agir racionalmente se eles já estiverem incorporado uma forma de vida que proporcione aos agentes que possa prover a eles uma ideia do que seja agir racionalmente.

Na primeira parte do livro Jaeggi examina a noção de formas de vida na nossa vida cotidiana e desenvolve um conceito modular destas. Ela distingue a concepção de forma de vida da noção de estilo de vida, hábito, moral individual e costumes. Formas de vida são um conjunto de prática sociais e orientações que compreendem atitudes e disposições habituais para certos comportamentos. As formas de vida envolvem requisitos normativos relacionados a um grupo social, mesmo que eles não sejam nem mesmo estritamente codificados, nem institucionalmente obrigatórios. E é porque as formas de vida são produtos do pensamento e ação humana que estas podem mudar. Elas são resilientes no sentido de que proporcionam aos agentes opiniões gerais de como agir e reagir em situações dadas. Desse modo, elas são mais profundamente constitutivas das práticas sociais do que os estilos de vida, etc, que podem facilmente ser deixados de lado. Nós devemos considerar as formas de vida à luz da sua efetividade e racionalidade para lidar com novas situações, diferente dos estilos de vida, que são que são alvo de escolha. Formas de vida constituem-se por reivindicações de efetividade e racionalidade.

A segunda parte do livro a autora se atém mais diretamente a essa constituição interna das formas de vida: formas de vida provém ao agente estratégias para enfrentar problemas. Segundo essa afirmação, formas de vida oferecem igualmente aos participantes um critério da sua validação, a saber, a habilidade de resolver os problemas que se pretende resolver. Considerando que formas de vida são maneiras particulares de definir e conceber problemas, os problemas não são “objetivos”, no sentido de que se pode comparar diferentes soluções que as várias formas de vida oferecem para o mesmo problema. Não obstante, se pode identificar um ‘nível funcional’ em que diferentes formas de vida devem reagir a desafios similares. Formas de vida devem definir (especialmente normativamente) problemas de diferentes tipos. Essas definições não podem ser simplesmente traduzidas umas pelas outras pois não podem ser definidas descoladas de seus requisitos funcionais. Jaeggi sugere que se pode detectar diferentes racionalidades das formas de vida nos mecanismos que elas oferecem para revisar suas definições e concepções dos problemas e a soluções oferecidas por eles quando as interpretações do mundo existentes falham. Essas diferenças entre formas de vida são diferenças normativas, na medida em que dizem respeito aos requisitos normativos internos e expectativas das formas de vida para adaptar-se aos desafios funcionais.

Dada a dependência entre definição de problemas e suas soluções na sempre já existentes formas de vida, pode-se perguntar como agentes podem sempre mudar ou abrir mão de sua forma de vida e escolher uma nova forma mais racional de lidar com problemas. Na terceira parte do livro Jaeggi explora, portanto, a forma como a crítica das

formas de vida pode ser formulada e de que ponto de vista. Ela desenvolve um modelo de crítica imanente e rejeita abordagens internas e externas a isto. O modelo de crítica que Jaeggi recomenda não pode ser um modelo de crítica externa, visto que um modelo de crítica externa não poderia dar conta a dependência das condições de racionalidade nas formas de vida e sua resiliência. Mas, por outro lado, a crítica também não pode ser uma crítica interna, pois ela não proveria as ferramentas necessárias para analisar e superar as contradições internas das formas de vida, que são geralmente a razão da origem das crises.

O modelo de crítica imanente oferecido por Jaeggi é inspirada em Hegel mas, – diferente de Hegel e, mais recentemente, de Honneth – não reconstrói a normatividade primária inerente às formas de vida para reatualizar o núcleo da normatividade esquecida ou encoberta nas práticas sociais existentes. Inspirada por uma crítica da ideologia, a versão de Jaeggi de crítica imanente está relacionado ao potencial inerente às formas de vida e sua capacidade de revisar-se em situações de crise, reconsiderando suas próprias análises e abrindo-se para outras formas de vida. A crítica destaca contradições no paralelo entre realidade e normas. Ao oferecer suas próprias reivindicações de validade, as formas de vida tendem reagir ao mesmo tempo às tensões e suas normas (pelo fato da realidade não estar somente estruturada de acordo com normas) e àquelas entre suas normas e a realidade (pelo fato de que agentes não serem por si responsáveis por implementar as normas). O poder transformador da crítica imanente reside na mobilização do potencial inerente nas formas de vida de refletir e reagir a essa dupla tensão – e isso significa analisar as dificuldades na aplicação das normas e reconsiderá-las. Diferente de Honneth, Jaeggi não foca nos valores singulares incorporados nas formas de vida mas, na maneira como as formas de vida se relacionam com valores heterogêneos em situações de crise. A crítica transformadora pode transformar a norma e a prática a ela relativa, ao invés de restaurar a ordem corrente ou adequar a prática ao sentido inicial da norma.

Ao recorrer à experiência e ao aprendizado, o modelo de crítica imanente de Jaeggi se refere à dinâmica de inovação presente na resolução de problemas que pode ser detectada nas formas de vida. Na quarta e última parte do livro, Jaeggi utiliza seu conceito de forma de vida e a ideia de crítica imanente para desenvolver um esquema de diferentes processos de aprendizado e suas dificuldades. A crítica das formas de vida consiste em localizar dificuldades, irracionalidades, contradições e disfunções que as formas de vida mostram quando lidam com dificuldades e crises. A tradição da teoria crítica da sociedade poderia (e deveria) incorporar esse elemento na investigação sobre as possibilidades de emancipação nas diferentes formas de vida e na forma como elas possibilitam aprendizado e processos de transformação. Mas, a teoria crítica propõe um modelo de crítica externo – como no modelo procedimental neo-kantiano de Habermas – que não contempla a perspectiva material da ação dos agentes, e nem mesmo incorpora nenhum valor material à crítica - como no modelo neo-hegeliano de Honneth. A emancipação só pode ser conseguida a partir das formas de vida porém, em última análise, a emancipação consiste em uma auto-determinação pessoal, e não está restrita aos limites contingentes das formas de vida.

Jaeggi oferece uma nova resposta interessante ao desafio que Habermas propõe à teoria crítica. A autora recomenda aceitar o pluralismo das formas de vida e o fato delas serem inevitáveis considerar suas características particulares no desenvolvimento de um

padrão normativo e para o exercício da racionalidade. Não obstante, é possível conceber uma ideia geral sobre emancipação e a partir desta julgar as diferentes contribuições das diversas formas de vida e sua capacidade em direção a uma concepção de mundo mais racionalizável, considerando suas habilidades de aprender através das crises e de se transformar de acordo com os desafios apresentados. Assim, a emancipação será não uma emancipação *de (from)* formas de vida – estaríamos necessariamente vinculados às contingências de certa forma de vida que tenha emergido historicamente -, mas podemos lutar por formas de vida (mais) emancipatórias.

Quanto convincente é essa resposta de Jaeggi ao desafio de Habermas? Existem pelo menos três problemas na perspectiva de Jaeggi. Primeiro, a concepção de formas de vida parece bastante vaga. Jaeggi está claramente consciente das dificuldades que referências ao conceito geral de “práticas sociais” pode gerar. A noção é interessante pois ela possibilita a inclusão de algum tipo realidade social na teoria, que não pode ser reduzida a uma concepção ad hoc das interações intencionalidades individuais para a cooperação. Em diferentes partes do livro Jaeggi destaca a inter-relação entre atitudes e crenças dos participantes, por um lado, e ação e interações em contextos relevantes, por outro. Mas essa inter-relação levanta uma questão importante: são as atitudes e crenças, que são construídas nas formas de vida, que são resilientes? Ou seriam as ações e interações? Ou a inter-relação por si mesma? Nesses três casos não está claro porque e quando essa resiliência deve ser um fator para os agentes. Isso seria desejável para e ter uma explanação mais clara da concepção de práticas sociais, que é um conceito bastante importante para a ideia de formas de vida apresentada por Jaeggi. – e para a possibilidade de transformar criando ou superando formas de vida.

Essa questão aponta para uma segunda crítica: quanto racional é a racionalidade descoberta por Jaeggi na habilidade de aprendizagem das diferentes formas de vida? Poderemos realmente esperar emancipação como resultado dessa racionalidade? Se não há nenhum outro critério aceitabilidade ou não das formas de vida então sua habilidade de aprender e suas habilidades de aprendizado, nós deveremos ter que aceitar formas de vida opressivas, caso estas encontrem algum critério de auto-reflexão e resolução de crises de maneira eficiente. Esse aspecto certamente não pode ser aceitável em uma teoria crítica.

E mesmo se a referência para a racionalidade for suficientemente convincente, uma terceira crítica surge: Jaeggi detecta potenciais de desenvolvimento racional nas formas de vida. Mas, se a racionalidade das formas de vida depende da forma com a forma delas lidarem com problemas, é importante compreender quem articula os problemas, e quem aprende e de que forma aprender com as soluções deles. Não fica claro na análise de Jaeggi se formas de vida como agentes coletivos aprendem como indivíduos. Ela afirma que é insatisfatório que devamos assumir que o processo de aprendizado das formas de vida pode tanto pode ser caracterizado como um conjunto e com isso ser reduzido a indivíduos ou que devemos conceber o sujeito do aprendizado como um tipo de sujeito coletivo. Quando Jaeggi rejeita essa opinião considerando-a imprópria, sobra somente a ideia de reduzir as condições de agregação para os indivíduos. O processo de superação de crises, contudo, é comparado a um processo evolucionário em que a melhor opinião para resolver um problemas e superar crise sobrevive. Como deveríamos pensar em um processo desse tipo se não concebermos este nos termos de uma ação coletiva ou esforço intelectual comum? Em suma, é possível dizer que Jaeggi oferece uma nova

perspectiva interessante na teoria crítica em busca de um modelo de avaliação do desenvolvimento dos potenciais das sociedades - mas mantém-se muito de uma idéia de como fazer a teoria crítica de forma diferente, que ainda precisa ser ancorada da sociedade